

ENTREVISTA/Paulo Guedes

# ‘O Governo precisa acelerar as reformas e a privatização’

CECILIA COSTA

O câmbio foi muito mal operado na hora da mudança, pois a banda deveria ser ampla desde o início, diz Paulo Guedes, 45 anos, economista, vice-presidente do Banco Pactual. Ele acha que nos erros iniciais do Banco Central houve “um dedo teórico”, ou seja, o de uma pessoa que não têm convivência com mesas de operação de câmbio e open. Quando o BC adotou o sistema de bandas, “se tivesse ficado bem lá no alto” — ou seja, se tivesse estabelecido desde o princípio que o teto da cotação de dólar para venda era R\$ 0,93 — Guedes acredita que provavelmente o mercado teria reagido com tranquilidade e não haveria a corrida para compra de dólares, que causou uma queima brutal de reservas cambiais e deu margem a muitos boatos sobre vazamento de informação.

— E como numa batalha. Se você tem muitos oponentes, o bom é ficar no alto da colina. Não se coloque na mesma praça de guerra. Do alto, dá para lutar bem ou deixar os oponentes ficarem guerreando lá embaixo — observa, fazendo uma analogia entre mercado e

guerra, por ter lido recentemente as conquistas de César.

Guedes se mostra indignado com a perda de reservas, cerca de US\$ 10 bilhões, desde dezembro. “Um dinheiro suado, que levamos tempo para acumular, foi entregue ao mercado em dias” — afirma, preocupado com a situação cambial do país, antes tão confortável. Para ele, se um país que tinha US\$ 40 bilhões de reservas, no momento em que assumiu o novo Governo, de repente chega a se sentir ameaçado de crise cambial, é porque há algo de errado na condução da economia. E algo grande tem que ser feito, rapidamente: reformas.

Guedes, que já foi chamado de profeta do Apocalipse, hoje está longe de querer profetizar crises. Como todo brasileiro, quer que o Brasil dê certo e, por isso, torce para que o Governo Fernando Henrique acerte a mão, pondo o Congresso para trabalhar. Mesmo após a crise do México, Paulo Guedes — admirador confesso de Roberto Campos, que, por sua vez, retribui a admiração — tem certeza de que o receituário liberal é o melhor para corrigir desequilíbrios econômicos. O mundo precisa de democracia e mercado, diz ele, afirmando que muito da crise financeira mundial — para ele, uma crise de acomodação — resulta do distanciamento desses princípios básicos.